

AHORA -FA-TAL-

F a l a — a ç ã o

Meu amor, você precisa de mais informação primeiro uma historinha pra vore: era ufa coisas escrevendo por enigma de acordo com a escola dos cronistas sociais. Meu anjo, voce deveria consultar o Marcos Igreja ou o Toinho Linhares antes de escrever besteiras. Nós poderíamos PLAGIAR o Estado Interessante. Vou contar primeiro uma historinha pra você: era uma vez, uma turma que fez Gramma, o jornal. Ai, o meu querido amigo Helder convidou essa turma pra fazer um suplemento no jornal O Estado. Bem, eu, Galvão, Durvalino e Pê José FUNDAMOS o Estado Interessante (vide expediente do primeiro número). Ai convidamos a capacidade do Marcos Igreja pra fazer as coisas com a gente. Depois, por assunto já tão explicado, a gente deixou o jornal. Claro que nem todo mundo pensa igual achamos justo e válido que o Marcos se desgarrasse da gente praticar fazendo o jornal (isso é outra história e cada um sabe o que quer, né Marcos?) Pois bem, meu bem. Se foi a gente quem fez o Estado Interessante (e o bicho ainda hoje continua com o mesmo estilo de antes), nunca nós poderíamos PLAGIAR uma coisa NOSSA, né mesmo, minha querida. Não escreva besteiras antes do tempo. Nós (a turma gramma) FECUNDAMOS o Estado Interessante. Se voce chegou ai pra tomar o lugar da mulher buchuda da capa (o desenho é do Arnaldo meu anjo), lembre-se pelo menos de sua a gente é o pai.

Um abraço em voce, nega do seu Edmar

LAMENTO

Para mim é chato falar de certas coisas. Eu prefiro me calar, dar o silencio como resposta e pronto. Confesso que fiquei surpreso com o que vi na capa do Estado Interessante. Deu-me pena. Sinceramente. Cheguei em casa arrasado. Sai mostrando o jornal a amigos e a opinião era unânime: "O Marcos está maluco?". Pois é. Está mesmo. Foi chatissimo pra mim ter que admitir não mais contar com Marcos Igreja do nosso lado. E que pena. Sinceramente. Porque (pelo menos até agora) Marcos não conseguiu o que queria que era (óbvio) ganhar dinheiro. Foi-se mal. Pior (admitamos) do que do nosso lado.

Mas é isso mesmo estes são os troços as pedras do caminho. Lamentável. Um amigo a menos é demais. Tudo eu perdo do que Marcos disse, (inclusive a ofensa ao Arnaldo), menos assinar (concordando) com a senhorita ROSE CALDAS, numa porção de mentiras e idiotices. A senhorita Rose deve ser uma das muitas culturas de pó de arroz das quais a Faculdade de Filosofia está cheia. Eu entendo isso: nada pra fazer em casa, etc. A senhorita Rose deve ser a bela flor fuchiqueira que secretaria o António Linhares, (que eu recorde ter conhecido em melhor situação). Eu não conheço a senhorita Rose, e deus ajude que eu morra antes que isso aconteça (já não mais aguento andar aos vômitos pela cidade). Senhorita Rose, tenho muito prazer em não lhe conhecer. Passe mal.

Mas olhando bem, deve estar tudo em casa.

Tá tudo legal ai, Marcos Igreja? Esperança de dinheiro... dinheiro... sim... muito dinheiro Apanhe um lenço e limpe essa baba de sua boca. Sabe, Marcos eu tenho em casa guardada a sete chaves uma coisa que conseguiu com muito esforço, e quero morrer bem antes de algum aventureiro lançar mão dela. Esta coisa se chama liberdade. Lamento que voce tenha trocado a sua por esperanças de dinheiro galvão, sem nome

ASSIM NÃO

Alô, Marcos Igreja. Voce ficou louco, rapaz? Eu não disse, ou melhor eu não mereço a dedicada capa do Estado Interessante de domingo passado. Eu falei aqui, no número um, que VOCE (e não o jornal) foi a ovelha BRANCA que se desgarrou. A gente é que continua ovelha NEGRA. O que eu quiz dizer é que voce se acomodou com a "realidade jornalística" de terra. O que eu quero dizer é que a gente se propõe fazer um trabalho sem aceitar condições de nada. O que eu quero dizer é que se a Hora Fatal acabar, eu não acabo. O que eu quero dizer é que qualquer hora a gente acaba com esse trabalho aqui e parte pra outra. Não se assombre, não se assuste, não se espante. Nós vamos pra qualquer lugar inventar outras coisas. O que eu não aguento é esse negócio de se conformar com um censor corrigindo matérias devo fazer. E voce conhece a gente tão bem. Eu

na minha cara. Ninguém vai me dizer o que eu acredito apenas que voce está louco. Eu prefiro acreditar nisso. Não entendo porque voce não entende o trabalho que a gente quer fazer. Não entendo porque o Chico Viana também não entendeu. Quero crer que o Alberoni entendeu. Eu não vou parar se agora é que eu estou começando a correr. Talvez domingo que vem não tem mais Hora Fatal. E daí? Ninguém vai morrer por isso. Eu adorei o ES enquanto durou. Foi legal. Não tenho queixas de ninguém. O Helder foi o sujeito mais legal que eu vi em jornal. É um dono de jornal que entende a gente Geralmente os donos não entendem. E eu peço pra ele aqui pra não ficar magoado com a gente. Não dava, pô. Ele não entendeu porque não dava, mas deve ter entendido que a gente não se engrossou com ele. O Alberoni é um cara legal demais. Na sujeira da imprensa daqui, eu acho que ele (apesar de ser do time titular — um profissional) é o que está mais limpo. Agora Marcos porque voce não entende o que eu quero dizer? Se voce não entende, eu prefiro acreditar que voce tá com a cuca fundida. Eu sempre te achei legal e quero guardar tua imagem assim. Voce está se mascarando, rapaz. Voce quer fazer fofoca com material que não existe. Longe de mim querer ofender voce e o jornal. Mas BRANCO não é PRETO e tá tudo muito legal. Entenda o que se escre, rapaz! Não misture as cores e nem dê sentido outro as palavras. (EDMAR, sem sobrenome) Minha querida Rose Interessante, beijinhos. Desgarrôu. A gente é que continua ovelha NEGRA

AHORA -FA-TAL-

Esta é hora fatal de se dizer as coisas. Dane-se quem quiser. A HORA FA-TAL é a nossa amplificadora, nossa boca, pro mundo. Circula encartado no jornal A HORA todos os domingos (?). O título é uma curtidão do poeta Wally Sailormoon aplicado aqui por Edmar Oliveira, que também imaginou essa programação gráfica atravessada. O logotipo e as ilustrações são de Arnaldo. Torquato Neto, Galvão, Noronha, Edmar, Arnaldo, com ajuda de fora de Pê José, Durvalino, Haroldo e Xico Pereira, trabalham o Jornal. Você pode ajudar mandando sua colaboração. Tá dito tudo. O resto tá lá dentro (e aqui fora), Este, por incrível que pareça, é o número dois. teresina; Junho de 1972.

Informação



TAI

Lena Rios, aqui do peito da gente, tá virando diabo lá pelo sul. Devagar e sempre a menina vai tocando o barco. Dia 10 de julho ela começa a gravar um compacto duplo. A novidade é que a capa é do Arnaldo, já está pronta e não precisa dizer-se que é genial. Quem quiser ver A Lena assista o programa Haroldo de Andrades domingo próximo. É pau. (galvão)

ANTES TARDE

Sem dúvida nenhuma Milton Nascimento é o bom. A álbum Clube da Esquina é de arrombar. É assim que são as coisas. Tranquilo, sem alarde muito na dele e empurrando o andar pra frente. Tenho ouvido e curtido muito o Milton Nascimento e cada vez me convenço mais de que ele e Gilberto Gil são os melhores cantores que se tem por aqui.

(galvão)

VIANA

Alô Chico Viana, seja pelo menos um idiota bem informado. Nós já não andamos mais com nossas culturas debaixo do braço, como você pode ver. Tamos aqui fazendo este jornalzinho, que não é grande coisa não que nós não temos a sua tarimba jornalística obtida nos botecos da cidade. Mas não se zangue não. Você é ainda o idiota gosado de Teresina

(OS BICHOS)

DEVAGAR

E o Arnaldo táí mesmo pintando e bordando, muito louco e bom. Bom de tudo. Agora devagar com esse negócio de chamarem o Arnaldo de "meio humano e surrealista". O que é isso? "espeitem o rapaz.

(galvão)



HOJE EU VOU PRA COROA

(SOTAQUE CARIOCA)

UM COMEÇO

Quem pode, quem não pode se sacode.

E nós?

Vou mandar tirar teu rosto desse espelho.

Mando apagar a ulz, dou o meu topa, vou-me embora. Aceito eu mesmo o meu conselho, antigo: cuidado, amigo. Vou saindo de mansinho, como quem nem sequer chegou. Como quem vai voltar. Sei o caminho — dobro aqui, desço, subo acolá. Anda, sobe e desce, vira e mexe, voce sempre me aparece com a mesma conversa mole, com o mesmo papo furado. Tá começado.

MEIO

— Escreve aí: o tal de cinema de arte dessa terra é uma graça.

— Escreve aí: que diabo de programação de arte é essa? Pra entolar os trouxas ou profori-ce e estupidez no duro?

— Parece, pelo que soube, que começou com

"Oliver", um superespetáculo comercialização e eventualmente até bonitinho, mas que não tem nada que ver... Ou será, amizadesinha? E o "Dr.

Fausto", cefonice pra debilíodes medjanos, teatrofilmado de décima categoria, papo furado em matéria de cinema? Isso faz cocegas no "intelecto" de nossos filmeultores? Pintou um Godardo, e desse espanto eu ainda não me refiz. Acho que só pode ter sido um acaso, porque não dá pra en-

tender uma «comissão» (é comissão?) que, dois sábados depois de "Masculino Feminino", verdadeira maravilha, acha que é ou "deve ser" de "arte" essa absurda adaptação de Ulisses de Joyce, um filme ridicularizado em toda prte onde foi exibido até hoje, e que bastava a alguém da comissão conhecer o livro para sacar que não pode ser, hum? Que não tem nada se ver!

— Escrever aí: êsse cinema de arte" anda meio sobre o ridículo.

— Escreve mais: a quais critérios a comissão que seleciona os filmes obedece para julgar tal porcaria ou qual obra prima um "filme de arte"? Se não existe nenhum, sugiro — pelo menos — o histórico. Basta saber um pouquinho de história do cinema, (quer dizer: basta conhecer cinema um pouquinho), pra conhecer esses ou aqueles diretores importantes, obras p rincipais ccilos, etapas. Acredito que exista uma opção qualquer para os diretores do cinema de arte, foradas limitações ocntratuais com essas ou aque las distribuidoras americanas a que estão presos os donos do cinema Royal. Filmes italianos do néo-realismo "cálssico" (Visconti, De Sica, Ros selinni etc), filmes de Fellini dos anos sessenta,

Antonionni... Tôda a Nouvelle Vague francesa (Godard, Daniol Valcroze, Truffaut etc). O Cine movimento, já sedeteriorou completamente, e já uma Novo brasileiro, que até já está morto como vai longe continua nédito em Teresina. "Deus e o Diabo na Terra do Sol", "Barravento", «Terra em Transe», tudo isso aí de Glauber Rocha, mais "Vidas Secas", "Fomede Amor" de Nelson Pereira dos Santos, mais "Menino de Engenho", de Waltr Lima Jr., mais tanta coisa, meninos, e vo-

cês aí bestando, pastando, engolindo essas hostas de filmes...

— Completo aí: já que começaram, viva! Inventaram o cinema de arte aos sábados, pra quem se liga em cinema do bom nesta doce terrinha. Pois vê se faz o serviço direito, pô. Não sei nem quem manda nisso aí, nem quero saber.



Mas, que, tirante o Godard que — estou certo — passou despercebido, êsse «cinema de arte» aí, sinceramente, eu hein? Mixuriquíssimo. Completamente por fora. Triste.

UM FIM

Deve estar pintando por aqul, e tomara que

logo, o elepê de Gil que acaba de ser lançado no Rio. Bejo Chave não deve marcar bobeira: pede logo, bicho. E aproveita pra pedir também o de Macalé, que está saindo e é outra curtição da pesadíssima. E vocês aí, bonecos interessados desta praça, já selgaram na revista Bondinho, que circula aí pelas bancas? Corta essa de ficar

te liga: Bondinho é legal, procura. O Pasquim por fora do novo mundo, menino otário. Vê se não está mais com nada, é um jornal de velinhos passadistas e agora, definitivamente sem graça esem embalo. Desamarra. Corta essa.

Corta aquela. Vê se todo mundo se manca. Cordiais saudações. (Torquato Neto)



Longo é o caminho, Cada um vai se quiser. A viagem
é um tanto cansativa, mas ativa, e deixa viva
uma vontade de seguir.
E ao longo do caminho as florestas brotam por entre espinhos
sobre a grama morta/viva. Muito além daquela
serra, a Floresta Escondida espera.
O que menos importa é o destino. Desatino.
O caminho é atôa. A vida é boa.
Olhe tudo. Não mexa.
Pense. Não fale. Prossiga. Consiga as coisas que você quer.
Não olhe para trás. Vá em frente e tente chegar
mais longe. Invente
o que lhe der na cabeça. Apareça nas curvas de sobressalto,
Pise firme no asfalto. Olhe o céu azul.
Olhe o branco das faixas.
Olhe a luz do sol. Olhe o negro do asfalto.
Mas não pare.
O caminho é longo. O destino não importa,
O caminho é atôa. Cada um vai se quiser.
(EDMAR)

Página de sangue

Pe. Carvalho

(transcrito do jornal O JUVENIL, sem a devida autorização)

As semanas Santas vão-se prolongando através da história. As páginas de sangue se sucedem através do tempo. Outrora por ordem expressa dos arcebis desumanos. Agora por conta e risco de estruturas sociais desumanas. Do subdesenvolvimento. Da miséria.

É duro ser criança, ser adulto subdesenvolvidos. Sentir a presença da morte estampada na face dos adultos. Vê-la brincando de matar crianças. Ceifando vidas em flor. Implantando o terror.

Jamais o homem se habitua a contemplar o aspecto da morte. Nem mesmo nos campos de batalhas onde às vezes é belo morrer (como dizem os poetas para estimular os heróis). Morrer repugna a natureza humana, porque o homem não foi feito para morrer. Entretanto o subdesenvolvimento está conseguindo o impossível que é "familiarizar o homem com a morte", não no sentido cristão, pois o homem recebeu uma nova visão da morte dada pelo cristianismo, transfigurando-lhe o sentido.

Por isso a morte se sente mais a vontade num barraco do que num Palácio. Aqui ela é menos dramática do que ali. No barraco não há lágrimas de esperança de ressurreição quando ela chega. No Palácio é um escândalo quando ela entra.

Vejam o paradoxo, a contradição: No Palácio teme-se tanto a morte, quando a natalidade. No barraco ambas são acolhidas e respeitadas. No Palácio há fatal de fé, no barraco há mentalidade fatalista.

Se hoje o sangue não corre pela subalimentação, pela doença, pela angústia. Como se poderá chamar este capítulo da História?